



CONSÓRCIO DE ECONOMIA
SOCIAL E SOLIDÁRIA
YORK ST JOHN-ERASMUS

Promover os Estudos e as Práticas de Economia Social e Solidária:

Um manual de referência

Meredith, M. & Quiroz Niño, C. (Coords.), Arando, S.,
Coelho, L.S., Silva, M.F. & Villafuerte Pezo, A.M.

Capítulo 4: Competências profissionais



Com o apoio do programa Erasmus
Mundus da União Europeia



Publicado por:
Consórcio de Economia Social e Solidária
York St John-Erasmus

Versão 1, Setembro 2015

Este projeto (EMA3-372558) foi co-financiado pelo programa
Erasmus Mundus da União Europeia.

ISBN: 978-0-9934407-9-3

(E-book-PDF em Português)

Promover os Estudos e as Práticas de Economia Social e Solidária pelo Consórcio York St. John-Erasmus está licenciado sob uma licença Creative Commons. Atribuição-Não Comercial 4.0. Licença Internacional



www.yorksj.ac.uk/socialeconomy

Como citar este trabalho:

Meredith, M. & Quiroz Niño, C. (Coords.), Arando, S., Coelho, L.S., Silva, M.F. & Villafuerte Pezo, A.M. (2015) *Promover os estudos e as práticas da Economia Social e Solidária no Ensino Superior*. York, Consórcio de Economia Social e Solidária York St John-Erasmus.

O conteúdo deste manual não reflete necessariamente as políticas e as visões da Comissão Europeia



CONSÓRCIO DE ECONOMIA
SOCIAL E SOLIDÁRIA
YORK ST JOHN-ERASMUS

ÍNDICE

1. Introdução

2. Revisão de literatura

2.1 Educação e formação de empreendedores sociais

2.2 Conteúdos e abordagem pedagógica dos cursos

2.3 A sabedoria da prática (phronesis): o seu papel na
educação e formação em Economia Social e Solidária

2.4 Educação e formação baseadas em competências

3. Secção dialógica

Resumo educação e formação baseada em competências

4. Competences

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

PÁGINA

1. INTRODUÇÃO

A natureza dos estudos de economia social e solidária e dos seus empreendimentos sociais requer um perfil docente específico, já que as competências profissionais académicas não são suficientes. É imprescindível juntar às competências profissionais e académicas dos professores, a competência de valorizar e desenvolver uma sabedoria prática (*phronesis*) crítica e reflexiva. Um corpo docente que reconheça, dentro da sua ética profissional, a virtude de conceber o indivíduo desde uma perspetiva holística, dando valor às competências relacionadas com o agir de forma responsável perante um contexto e uma realidade determinados. A natureza destas competências profissionais implica “uma disposição, acompanhada da razão justa, dirigida à ação e tendo como referência o que é bom ou mau para o homem” (Ética a Nicomaquea, VI, 5).

PREGUNTAS CHAVE DO CAPÍTULO:

- Que singularidades tem a educação e formação dos docentes e dos discentes dentro da Economia Social e Solidária e do empreendedorismo social?
- O que se deve ensinar e como?
- Que vantagens são visíveis numa educação e formação baseadas em competências a partir da sabedoria prática (*phronesis*)?

Desta forma, as competências profissionais do docente na área da economia social e solidária implicam, do ponto de vista da sabedoria prática, valorizar a compreensão do conhecimento posto em ação, o que pressupõe uma prática social eticamente responsável. Esta é uma das principais mensagens deste manual.

A educação e formação baseadas em competências que apresentamos servem tanto para docentes como para discentes, tirando partido dos conhecimentos e experiência de ambos para uma verdadeira “emprendizagem” social, onde a ação-reflexão permitam sistematizar um novo conhecimento e prática.

Glossário

Competência: Capacidade efetiva e afetiva para levar a cabo, com sucesso, uma atividade laboral plenamente identificada (OIT, 2014).

Phronesis: Disposição, acompanhada da razão justa, dirigida à ação e tendo como referência o que é bom ou mau para o homem (Ética Nicomaquea, VI, 5).

Emprendizagem: Palavra referente ao binómio: empreender e aprendizagem. O processo de aprendizagem que leva a empreender uma obra.

Intraempreendedores: Pessoas com as mesmas qualidades que os empreendedores e que desenvolvem as suas ideias empreendedoras dentro do seu próprio meio laboral.

Transdisciplinaridade: Forma de organização dos conhecimentos que transcende as disciplinas. Entende-se a transdisciplinaridade colocando ênfase: a) no que está entre as disciplinas, b) no que as atravessa a todas, e c) no que está para lá delas.



2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE EMPREENDEDORES SOCIAIS

Um debate chave na literatura é a pergunta sobre se o empreendedorismo social deve ser estudado como um campo independente ou em que medido poderá fazer parte dos estudos organizacionais, administrativos e de gestão (Austin, Stevenson e Wei-Skillern, 2006). O debate tem implicações sobre se o empreendedorismo social deve ser do domínio exclusivo das escolas de negócios.

Relativamente ao papel das escolas de negócios, a literatura marca as diferentes noções e posições entre os estados Unidos e a Europa. Enquanto o erudito académico norte-americano Frances Westley defende que *“um programa de administração de negócios tradicional de uma escola de negócios tem muito que oferecer e ensinar a um empreendedor social”* (Weber, 2012, p.412), um grupo de especialistas da Comissão Europeia considera que *“é questionável que as escolas de negócios sejam o lugar mais apropriado para ensinar o empreendedorismo”* (Comissão Europeia, 2008, p. 7). É importante assinalar que a perspetiva europeia é, geralmente, sobre a educação empresarial, enquanto o argumento de Frances Westley se centra no empreendedorismo social. Westley defende a opinião de que seriam suficientes pequenos ajustes nos programas curriculares tradicionais de negócios para formar os empreendedores sociais, enquanto o grupo de especialistas da Comissão Europeia manifesta que os estudos para empreendedores sociais requerem cursos interdisciplinares.

Esta argumentação também se baseia na crença de que os empreendedores sociais devem aceitar a teoria da administração privada e pública. Ridley-Duff e Bull (2011, p. 120) têm, a este respeito, a opinião que *“as empresas sociais participam ativamente na reestruturação e remodelação da noção de gestão, para adaptar-se a um ambiente onde as organizações aspirem ao lucro, mas não a uma maximização imoral do benefício”*.

Ao considerar se os empreendedores sociais e empresariais podem aprender juntos com sucesso, Howorth, Smith e Parkinson (2012) mantêm que a tensão entre valores sociais e empresariais pode ser problemática em cursos sobre competências de negócios para os empreendedores sociais. Os empreendedores sociais, frequentemente, têm antecedentes no campo da sociologia, antropologia, educação social, animação sociocultural, desenvolvimento social e comunitário e há uma menor probabilidade de que tenham desenvolvido competências de administração e gestão centradas na maximização dos lucros. Este último ponto, inclusivamente, estaria em contradição com os seus valores e ética profissional. Num estudo realizado, os autores comparam dois cursos de “negócios”: um, não especializado, para empreendedores sociais e não sociais juntos, o outro dedicado inteiramente a empreendedores sociais.

Howorth, Smith e Parkinson (2012) acreditam que os empreendedores sociais se posicionam mais em termos dos diferentes papéis e responsabilidades que poderão representar dentro da comunidade, do que naqueles dedicados à administração e gestão e, inclusivamente, alguns estudantes opõem-se à ideia de negócio como um fim em si mesmo. No entanto, os autores verificam que, para alcançar os objetivos sociais, os empreendedores sociais reconhecem que devem agir de forma empresarial na identificação de oportunidades para a obtenção de financiamento e para poder realizar atividades económicas. Os autores defendem que os empreendedores sociais necessitam de desenvolver competências de gestão empresarial e que os docentes dessas matérias necessitam de compreender que, devido à própria natureza e identidade destes profissionais, deveriam incidir não só na formação teórica dos empreendedores sociais mas também utilizar mecanismos pedagógicos de aplicação efetiva da aprendizagem à realidade onde estes atuam e/ou desenvolvem as suas atividades.

Os autores, citando Lave e Wenger (1991), argumentam que a aprendizagem está “socialmente situada” e tem lugar nas “comunidades de prática”, portanto, o docente tem a responsabilidade de considerar essa comunidade também como um grupo de aprendizagem. Os autores descobriram que, com este enfoque pedagógico, a combinação de empreendedores sociais e empresariais num mesmo curso podia ser benéfica. Há aspetos laborais de ambos que têm muito em comum, tais como as limitações de recursos, a incerteza sobre o ambiente em que se encontram a trabalhar e a falta de poder no mercado. Sugerem que a combinação da aprendizagem conduziu a debates enriquecedores e abertos acerca da motivação pelo trabalho e os diferentes critérios para medir o sucesso. Comprovaram ainda que a confiança entre os formandos se gerou na discussão sobre como enfrentar os



múltiplos desafios que tinham em comum. Por outro lado, um integrante do curso de empreendedorismo social partilhou que sentia que todos estavam “*no mesmo barco relativamente a financiamento e insegurança*” (p.383).

Os autores concluem que os cursos mistos de empreendedores empresariais e sociais podem ter sucesso desde que se reconheça, se respeite e se tenha em conta o contexto específico dos empreendedores sociais. Referem ainda que a centralidade na “comunidade de prática” permitiu ao grupo desenvolver uma identidade comum como *aprendizes*.

Dees (2012) defende que a educação de empreendedores empresariais e empreendedores sociais deveria ser muito diferente, sugerindo que as escolas de negócios não são necessariamente o melhor lugar para a aprendizagem do empreendedorismo social. As escolas de negócios, segundo Dees, são apropriadas para ensinar como atrair capital e criar organizações de maneira lógica e linear. Com este objetivo, anima-se os estudantes a confiar em si mesmos e a ser assertivos para solucionar problemas. No entanto, este não é necessariamente o melhor enfoque quando se trabalha com uma comunidade que tem necessidades: a confiança pode ser contraproducente ao ser percebida como arrogância. Os problemas sociais não são lineares e requerem soluções em diferentes âmbitos e níveis de interação. De facto, Dees descreve-os como “*um jogo entre muitos grupos de interesse com realidades muito diversas e complexas*” (p.446) e em condições políticas e económicas em mudança. Afirmar que o empreendedorismo social implica desafios psicoafetivos e que pode demorar tempo até se gerar a confiança necessária com pessoas vítimas destas situações complexas. Reforça que fazer bem o trabalho “requer um alto grau de inteligência emocional” (p.447). Argumenta ainda que as escolas de negócios não são de todo apropriadas nem estão preparadas para entender como atingir a mudança social dentro de um mundo cheio de incertezas e mudanças constantes. Conclui que os estudos sobre empreendedorismo social poderiam incluir-se dentro de uma multiplicidade de disciplinas, que facilitem soluções técnicas e que possuam uma ideia de negócio destinado à transformação social, para resolver os problemas sociais.

O tema a ressaltar neste debate do enfoque pedagógico e o contexto mais apropriado para o ensino de matérias relacionadas com a ESS e o empreendedorismo social é a pré-disposição de ambos, docentes e discentes, para refletir sobre os seus pensamentos, pressupostos e ações, numa atitude de abertura à desconstrução.

2.2 CONTEÚDOS E ABORDAGEM PEDAGÓGICA DOS CURSOS

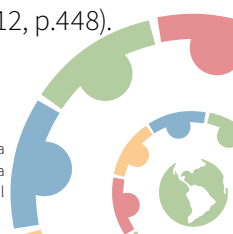
A educação na área do empreendedorismo social não é simples relativamente aos seus principais conteúdos e competências chave.

Como destaca um relatório de especialistas da Comissão Europeia, os programas de educação empresarial podem ter diferentes objetivos:

- “um desenvolvimento empreendedor entre os estudantes (sensibilização e motivação);
- treinar os estudantes nas competências que necessitam para estabelecer um negócio e gerir o seu crescimento;
- desenvolver a capacidade empresarial para identificar e aproveitar oportunidades” (Comissão Europeia, 2008, p. 7).

Por outras palavras, podem-se configurar os cursos de formação nesta área com a intenção de aumentar a consciência e a motivação, desenvolver competências pertinentes e propiciar a capacidade de atuação. Para além destes três objetivos com os quais se podem definir os cursos, esta secção centra-se explicitamente em refletir sobre os atuais desafios que enfrenta a educação em empreendedorismo social, apresentando as competências chave requeridas pelos empreendedores sociais.

Dees acredita que a educação para o empreendedorismo social deve combinar a teoria e a prática para desenvolver um leque de competências e atitudes sociais e propiciar “*experiências autênticas e atrativas*”. No entanto, adverte contra as “pseudo-práticas” como, por exemplo, “*passar um número de horas a servir refeições numa cantina social e pensar que já se entende verdadeiramente a situação de uma pessoa pobre*” (Worsham, 2012, p.448).



Sugere que os cursos de empreendedorismo social devem incluir atividades como:

- Realizar exercícios de “jogo de papéis” na gestão de organizações sociais, “se existirem oportunidades para um comentário sincero” vindo de pessoas que realmente trabalham nelas quotidianamente.
- Observar reuniões da comunidade onde se pensa realizar a intervenção e analisar “a informação que proporciona a dinâmica” (p.448).
- Realizar estágios em empreendimentos sociais, para trabalhar nos problemas reais do dia-a-dia.
- Seguir de maneira silenciosa um empreendedor social durante um período de vários meses (*job shadowing*) para compreender alguns dos desafios quotidianos.
- Ter um convidado nas aulas para falar sobre as complexidades do seu trabalho como empreendedor e como organização social: O que funcionou? O que não funcionou? Porquê?
- Entrevistar elementos dos grupos de interesse (*stakeholders*) para entender como definem a sua própria situação e que necessidades de mudança sentem.

Miller, Wesley e Williams (2012) realizaram um estudo comparativo nos Estados Unidos, no qual analisam a oferta de cursos de empreendedorismo social e as expectativas dos formandos, o que estes reconhecem desejar aprender. Nesta pesquisa, encontraram pontos nos quais a oferta e a procura convergem, mas também encontraram diferenças entre ambas. Em termos gerais, tanto os ativistas como os educadores estão de acordo em que a “*medição de resultados e resolução de problemas*” são importantes. Os autores defendem que, apesar de estas serem competências gerais, a missão dos empreendimentos sociais faz com que estas competências sejam ainda mais fundamentais.

Uma vez que a função de um empreendimento social é a mudança social existem maiores desafios na medição do impacto e do retorno dos mesmos num âmbito puramente económico. Isto requer uma combinação de competências de avaliação quantitativas e qualitativas. Os autores defendem que um tema comum ao longo dos cursos deveria ser o aprender a utilizar as ferramentas disponíveis para realizar relatórios sobre o impacto social, tais como o Retorno Social do Investimento (SROI, na sigla em inglês) e a Contabilidade de Valor Combinado. “*Frequentemente, foram necessárias muitas sessões para ensinar os conteúdos da administração e gestão e para a elaboração da dupla conta de resultados [económico e social] ou tripla [incluindo o fator ambiental]; identificando para isso fatores presentes, para lá do benefício económico, e que possam ser medidos*”. O artigo de Kaplan sobre a Medição do Desempenho (2001) e o relatório de Gair sobre o Retorno Social do Investimento (2012) foram considerados recursos fundamentais para os estudantes (idem, p.362).

A expectativa principal dos ativistas era a de que os cursos abordariam competências para resolver problemas. Como assinalam os autores, no âmbito dos empreendimentos sociais, os problemas são “*profundos, complexos e percebem-se, no dia-a-dia, nas comunidades, nos governos e no ambiente em general*” (idem, p.362 citando Light, 2006). Portanto, o processo de análise de um problema passa por considerar fatores que vão mais além do problema em si: deve implicar uma teoria de transformação social. Muitos cursos levam os estudantes a desenvolver a sua própria teoria de impacto social. Isto implica explorar as teorias existentes para abordar questões como o alívio da pobreza, começando por questionar o porquê da existência dessa mesma pobreza.

Outras áreas de comum acordo entre os praticantes e os educadores incluem:

- A gestão do capital financeiro, classificada como muito importante por ambos os grupos;
- A inovação e a criatividade;
- A capacidade de desenvolver relações de colaboração. Foi “*curioso*” (idem, p.367) para os investigadores constatar que esta competência se considera dentro do currículo inicial de pré-graduação mas poucas vezes entre os cursos de pós-graduação sobre empreendedorismo social.

O estudo constatou que existiam, contudo, áreas onde houve diferenças de opinião. Os ativistas queriam ver incluídas nos cursos competências como “*desenvolver um sentido imperativo moral e ético*” e “*comunicar-se com as partes interessadas*”, mas só um terço dos mesmos as trabalham. A mesma situação se verificou com a “*capacida-*



de de questionar as formas tradicionais de pensamento”, altamente classificada pelos ativistas mas apresentada em menos de metade dos cursos oferecidos (idem pp.364-365).

Algumas competências foram consideradas como importantes pelos docentes, mas não pelos candidatos a estudantes: entre elas, “a capacidade para identificar os problemas sociais”. Os autores defendem que esta é uma competência muito diferente da de entender a dinâmica das necessidades de um cliente e que, por isso, requer uma atenção especial.

Entre outras abordagens pedagógicas, as práticas profissionais têm um valor elevado para os empreendedores sociais pelas características e objetivos das mesmas. Em seguida, no quadro 4.1, referimo-nos a elas:

QUADRO 4.1 PRÁTICAS PROFISSIONAIS - PORQUÊ E PARA QUÊ?

- Criar inovação específica ao contexto: estabelecimento (desde a criação até à implementação) de ideias inovadoras e de valor agregado que combinam ideias ou tecnologias prévias num único caminho, e produzem efeitos positivos dentro de um contexto específico (Drucker, 1993)
- Gerar um impacto positivo para o progresso social: promoção de empreendimentos que produzem melhorias sociais, ambientais, institucionais e produtivas, ajudando a melhorar a forma como a sociedade funciona (Porter, Stern e Artavia, 2013).
- Manter o impacto coletivo: integração e mobilização de pessoas ou instituições, a coordenação das atividades e as contribuições dos outros com o fim de gerar um impacto coletivo e a exploração de sinergias entre as organizações com fins lucrativos e as sem fins lucrativos (Kania e Kramer, 2011).
- Trabalhar com distintos tipos de organizações: aquelas organizações pouco ou fortemente vinculadas aos mercados ou a problemas socio ambientais e que incluem novos empreendimentos, empresas com atividades de responsabilidade social corporativa, organizações sem fins lucrativos, entidades públicas ou empresas sociais (Jäger e Schröer, 2013).

Fonte: Centro de Intercambio de Conhecimentos de VIVA TRUST.

2.3 A SABEDORA DA PRÁTICA (PHRONESIS): O SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA

Dunne (2008, p.16) argumenta que o conhecimento prático está vinculado à sabedoria e que isto provoca uma diferenciação nítida em relação à “grande importância que se atribuiu à racionalidade, ou melhor, a um modo particular de racionalidade que estabeleceu uma hegemonia epistemológica, segundo a qual só o conhecimento de acordo com esta linha de pensamento é reconhecido como verdadeiramente rigoroso” (p. 15). Neste tecnicismo racional, os procedimentos estabelecidos são dominantes e a ética profissional fica reduzida a obrigações e proibições (Carr, 2008).

“Phronesis [...] concebe-se como uma virtude intelectual que implica uma ética de comportamento. Implica uma capacidade de inferir e de deliberar baseada em valores, e vinculada a um juízo prático em base a uma reflexão genuína. É pragmática, depende do contexto e está orientada para a ação” (Kinsella e Pitman, 2012, p.2). Aristóteles classificou-a como uma das virtudes intelectuais ou excelência da mente (Eikeland, 2008).

A natureza e o imperativo dos valores da disciplina de ESS, expressa na afirmação “sob nenhuma circunstância, um interesse económico pode estar acima da reverência pela vida” (Max-Neef, 2013), implica que para os docentes destes estudos não é suficiente ter e demonstrar competências cognitivas e técnicas, mas que desenvolvam e demonstrem uma sabedoria moral no exercício ético das suas funções.

O desenvolvimento de uma sabedoria moral crítica, chamada phronesis por Aristóteles, implica “umas virtudes pessoais que transcendem práticas singulares ou particulares” (Dunne, 2008, p.14) e “uma disposição a agir de forma autêntica e justa” (Carr e Kemmis, 1986, p. 33).



Por isso, a natureza de as competências profissionais implicam “*uma disposição, acompanhada da razão justa, dirigida à ação e tendo como referência o que é bom ou mau para o homem*” (Ética Nocmaquea, VI, 5).

Com o que temos vindo a assinalar, argumentamos que a abordagem por competências deve basear-se na *phronesis* para alinhar os valores e a profissionalidade ética do docente às práticas da ESS e dos seus empreendimentos.

Falamos, então, de uma proposta de educação e formação com base em competências ancorada numa *phronesis* que interpela o docente e o discente: O que devo fazer?, Porquê?, Quais as minhas responsabilidades perante uma determinada realidade e contexto? Assim, movemo-nos da abordagem pedagógica “*aprendo fazendo*” (*learning by doing*) de Dewey para o “*aprendo refletindo de forma crítica, sobre a minha experiência de vida*” (*learning by reflecting critically on living*). É por isso que o conteúdo dos descritores das competências, bem como das atividades de autoavaliação se desenvolveram com base no trabalho de Kinsella e Pitman (2012) que, por sua vez, trabalharam sobre a proposta de Schön: a prática reflexiva do profissional.

2.4 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO BASEADAS EM COMPETÊNCIAS

A educação e formação baseadas em competências desenvolvidas ao longo do manual estão relacionadas diretamente com o perfil ativo do empreendedor social. Este responde à necessidade de ir para lá das conquistas de aprendizagem em si mesmas e incidir mais na maneira como estes objetivos se devem alcançar através de um tipo determinado de competências e o seu porquê (Mulder, 2014). Os descritores das competências identificadas para cada capítulo implicam desenvolver uma capacidade relacional e transdisciplinar, que se legitima na ação pessoal e coletiva dentro da sua própria comunidade e/ou empreendimento social. Enfatiza-se a importância de validar a transdisciplinaridade do campo de estudo e da prática, entendendo-se por ambas o que expressa Nicolescu “*reconhecimento explícito da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes. [...] a transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar: da confrontação das disciplinas, surge uma nova informação que as articula entre si e oferece-nos uma nova visão sobre a natureza e a realidade*” (1996, p.106).

Como assinalado anteriormente, o quadro de competências foi estruturado com base no que Axmann, Rhoades e Nordstrum (2015) consideram como pilares da formação de professores baseada em competências. Os elementos de cada pilar foram tidos em conta no momento de desenhar e elaborar as competências.

Primeiro pilar: Estrutura e relevância do tema e a sua abordagem

- Oferecer um quadro estruturado com fases claramente progressivas na aquisição de conhecimentos, competências e atitudes que possam validar-se e replicar-se tanto dentro como fora da universidade ao longo dos anos de estudo.
- Fixar relações contínuas e sustentáveis com as pessoas que trabalham dentro do setor objeto de estudo. Considera-se fundamental contar com empreendedores sociais que participam nos programas e cursos que se organizam.
- Assegurar a participação de professores na elaboração das competências educativas e a sua participação em processos de tomada de decisão sobre políticas e reformas relacionadas com o objeto de estudo.

Segundo pilar: Capacidade de resposta e inclusividade

- Determinar de forma conjunta e consensuada entre o professorado a opção por uma aprendizagem e ensino que dê resposta às prioridades da comunidade onde está inserida.
- Desenhar programas com uma abordagem de género inclusiva, ou seja, dar importância à equidade e igualdade de género, assim como à visibilidade da mesma.
- Oferecer uma experiência de ensino e aprendizagem centrada no bem-estar e no desempenho dos professores e dos alunos. Este último ponto baseia-se na redefinição do papel de ambos como produtores de conhecimento e inovação e sujeitos com capacidade crítica para combater os fatores impeditivos da sua participação positiva na mudança e transformação da sua própria realidade.



Terceiro pilar: Inovação e progresso

- Promover o uso efetivo das tecnologias emergentes e um uso amigável das mesmas.
- Favorecer pedagogias participativas inovadoras e integradoras de conhecimentos, saberes e experiências dos atores dentro da área de estudo.
- Capacitar os professores e alunos contando com a sua experiência como um ativo de aprendizagem e de ensino

Quarto pilar: Representação legítima como atores da mudança e comunicação dialógica

- Redefinir e reavaliar o papel dos professores e alunos como artífices da mudança e da transformação económica e social da sua própria comunidade, seja como empreendedores sociais ou como agentes de mudança social dentro do seu próprio ambiente de trabalho.
- Promover o diálogo entre diferentes educadores e formadores do setor, sendo a universidade o agente facilitador, convocando e sistematizando a experiência que se origine destes encontros.
- Constituir espaços (*hubs*) presenciais e virtuais que permitam gerar soluções e inovar práticas com base em novos conhecimentos criados e validados entre os grupos de interesse com base na experiência e conhecimento de outras pessoas.

Um ponto a investigar e explorar é como desenvolver a identificação e validação de créditos que sejam conferidos às diversas etapas de formação e reconhecidos em diversas áreas geográficas.

Referências:

- Aristotle, Nichomachean Ethics VI, 5. Translated by Ross, W. D. (1999) [Internet]. Available <http://socserv2.socsci.mcmaster.ca/econ/ugcm/3ll3/aristotle/Ethics.pdf> [Accessed 15th August 2015].
- Austin, J.E., Stevenson, H., & Wei-Skillern, J. (2006) Social and commercial entrepreneurship: Same, different, or both? *Entrepreneurship theory and practice*, 30 (1), 1–22.
- Axmann, M., Rhoades A. & Nordstrum, L. (2015) *Vocational teachers and trainers in a changing world: the imperative of high quality teacher training systems*. Employment Policy Department Employment Working. Paper no. 177. Geneva. International Labour Office.
- Carr, D. (2008) Virtue, character and emotion in people professions: towards a virtue ethics of interpersonal professional conduct. In Bondi, L., Carr, D., Clark, C. & Glegg, C. *Towards professional wisdom*. Farnham, UK, Ashgate, pp. 97-110.
- Carr, W. & Kemmis, S. (1986) *Becoming critical: education, knowledge and action research*. London, The Falmer Press.
- Centro de Intercambio de Conocimientos de VIVA TRUST (2013) *Premios Stephan Schmidheiny Innovación para la Sostenibilidad* [Internet]. Available www.ciconocimientos.org [Accessed 30th December 2013].
- Dunne, J. (2008) 'Professional wisdom' in 'practice'. In Bondi, L., Carr, D., Clark, C. & Glegg, C. *Towards professional wisdom*. Farnham, UK, Ashgate, pp. 13-26.
- Eikeland, O. (2008) *The ways of Aristotle. Aristotelian phronesis, Aristotelian philosophy of dialogue, an action research*. Berlin, Peter Lang.
- European Commission. (2008) *Entrepreneurship in higher education, especially within non-business studies - final report of the expert group*. Enterprise and industry directorate-general [Internet]. Available <http://ec.europa.eu/DocsRoom/documents/8969/attachments/1/translations/en/renditions/native> [Accessed 1st July 2015].
- Howorth, C., Smith, S. & Parkinson, C. (2012) Social learning and social entrepreneurship education. *Academy of Management Learning & Education*, 11, (3), pp.371-389.
- Kinsella, E.A. & Pitman, A. (2012) Engaging phronesis in professional practice and education. In Kinsella, E.A. & Pitman, A. eds. *Phronesis as professional knowledge: practical wisdom in the professions*. Rotterdam, Sense Publishers, pp.1-11.
- Marías, J. & Lain Entralgo, P. (1964) *Historia de la Filosofía y de la Ciencia*. Madrid, Ediciones Guadarrama.



- Max-Neef, M. & Smith, P.B. (2013) *La Economía Desenmascarada. Del poder y la codicia a la compasión y el bien común*. Barcelona, Editorial Icaria.
- Mulder, M. (2014) Conceptions of Professional Competence. In: S.Billett, C.Harteis, H.Gruber (Eds). *International Handbook of Research in Professional and Practice-based Learning*. Dordrecht, Springer, pp. 107-137.
- Miller, T., Wesley, C. & Williams, D. (2012) Educating the Minds of Caring Hearts: Comparing the Views of Practitioners and Educators on the Importance of Social Entrepreneurship Competencies. *Academy of Management Learning & Education*, 11 (3), pp.349-370.
- Nicolescu, B. (1996) *La Transdisciplinariedad Manifiesto*. Primera Edición. Sonora-México. Multiversidad Mundo Real Edgar Morín, A.C.
- Ridley-Duff, R., & Bull, M. (2011). *Understanding social enterprise: Theory and practice*. London: Sage Publications.
- Weber, J.M. (2012). Social Innovation and Social Enterprise in the Classroom: Frances Westley on Bringing Clarity and Rigor to Program Design. *Academy of Management Learning & Education*, 11 (3), 409–418.
- Worsham, E. (2012) Reflections and Insights on Teaching Social Entrepreneurship: An Interview with Greg Dees. *Academy of Management Learning and Education*, 11 (3) pp.443-452.



3. SECÇÃO DIALÓGICA

3.1 COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS DENTRO DO MANUAL

Capítulo 1: Epistemologia e Valores

O objetivo destas competências centra-se no papel relevante dos docentes e discentes como criadores de conhecimento, com um pensamento crítico sobre o que se valida ou não como conhecimento. Pretende-se integrar conhecimentos, competências e atitudes relacionados com princípios morais e éticos para humanizar a economia e desafiar toda a intenção de educação utilitarista, economicista e reducionista do ser humano.

As tarefas que acompanham estas competências têm o propósito de aproximar professores e alunos da realidade onde se experimenta a ESS. Consideramos, igualmente, nesta etapa de formação, os Princípios da Educação para a Administração Responsável (PRME) que sublinham temas como: critérios éticos na tomada de decisões de gestão e ética empresarial, que serão parte integral dos programas curriculares.

Os casos práticos recolhidos nas diferentes zonas geográficas do projeto demonstram a existência de organizações da ESS que colocam em práticas aquilo em que acreditam, muitas vezes no meio de um ambiente hostil à sua missão e visão de uma economia para o bem-comum. Estes casos práticos explicam como os valores se integram na estrutura, gestão e administração das organizações da ESS. Também se dão a conhecer os diversos conhecimentos e saberes das pessoas que integram estas organizações à luz de valores como: o respeito por como “o outro” pensa e atua, o respeito pela diferença e pelas diversas formas de relacionamento com o ambiente e a cultura.

As atividades pedagógicas do capítulo incidem em desenvolver uma consciência ativa, reflexiva e crítica sobre os valores da ESS assim como analisar o papel dos valores para motivar ou inibir certas atitudes e práticas vinculadas ao campo que nos ocupa.

Capítulo 2: Identidade, perfil e territorialidade

Depois de refletir sobre os conhecimentos, atitudes e valores com que se constrói a ESS, as competências do capítulo 2 referem-se à capacidade dos professores e alunos de adquirirem um conhecimento e compreensão da natureza polissémica e experiencial da ESS. Esse conhecimento e compreensão baseia-se numa aproximação real que permite criar vínculos diretos com os atores das organizações da ESS, assim como com as entidades públicas responsáveis pelas políticas e seguimento da atividade destas organizações.

Enfatiza-se a importância de conhecer a tipologia e critérios que caracterizam os diversos sistemas económicos e como, na prática, se dá uma diversidade de justaposição entre eles. A diversidade semântica e cognitiva de outras muitas práticas económicas centradas no bem-estar das pessoas, não é um elemento limitador mas, pelo contrário, enriquecedor, espelhando a complexidade da realidade e ambiente onde operam as organizações que se identificam com a ESS. Por sua vez uma visão histórica, política, sociocultural e ambiental ajudará a compreender os fatores chave que influenciaram a ausência/presença e visibilidade da ESS.

Capítulo 3: Modus operandi

Uma vez configurado o mapa concetual e território da ESS, o capítulo 3 está orientado para a sistematização do conhecimento sobre a maneira como se organizam e funcionam as organizações, tendo em conta certos fatores externos às organizações (ex. legislação e políticas favoráveis) e outros fatores internos (ex. financiamento, internacionalização, governação e participação democrática, entre outros). A dimensão multicultural do projeto e a sua dinâmica intercultural permite aos professores e alunos conhecer, analisar e investigar os pontos convergentes e divergentes das diferentes maneiras como se gerem as organizações da ESS.



As competências do capítulo 3 estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento da capacidade dos docentes e discentes para implementar um plano de gestão que se inicia com a criação e/ou revisão da missão e visão integral e sistémica da mudança social que se deseja alcançar, até à estrutura de custos e reinvestimento.

Capítulo 5: Tecnologias da Informação e da Comunicação - Boas Práticas

Da gestão do dia-a-dia passamos às competências do capítulo 5, boas práticas das Tecnologias da Informação e Comunicação, especificamente relativas aos meios sociais virtuais e às rádios comunitárias. As competências para este campo versam sobre como maximizar o uso dos meios sociais virtuais, tais como *Facebook*, *Twitter* e blogues, através da organização e uso de uma narrativa lógica, intuitiva, crítica e criativa, ao que se soma a importância da alfabetização digital. Com isto deseja-se abordar o tema premente da tecnologia e a sua aplicação à tarefa de organização, gestão e visibilidade das organizações da ESS. As competências estão relacionadas com o cultivar de atitudes que geram valor e que criam compromisso comunitário e educativo. Isto reflete-se nos diversos âmbitos onde os meios sociais virtuais podem garantir um alcance massivo e, por sua vez, particular, que não poderia atingir-se se não se contasse com os mesmos: educação para a mudança, participação democrática, apresentação de contas, influência política, marca ética, angariação de fundos e *crowdfunding*.

O estudo realizado, e que se explica na secção dialógica do capítulo 5, serve de exemplo e permite ser replicado como trabalho ou projeto de curso. Por sua vez, as atividades pedagógicas desenharam-se para que seja possível a aplicação de quase todos os descritores de competências contemplados no documento.

Capítulo 6: Capital social

Tudo o que foi dito anteriormente não teria sentido se não se contemplassem as competências para a criação e manutenção do capital social que nutre a cultura da ESS. A este tema é dedicado o quadro de competências do capítulo 6, que corresponde ao capítulo referente ao capital social. Cada âmbito do capital social - individual, organizacional e comunitário - tem uma lista de competências que abarca a parte cognitiva, afetiva e relacional da pessoa. É justamente a maturidade destas três dimensões o que permitirá manter e sustentar os fundamentos dos teóricos contemplados na revisão de literatura.

Os casos práticos permitem visibilizar a importância das competências psicoafetivas, onde qualidades como a empatia, a resiliência e a prática de uma psicologia positiva são fundamentais.

Capítulo 7: Responsabilidade e transformação social

O conteúdo pretende promover atitudes éticas e proativas para a implementação autêntica dos elementos que a constituem:

- A transformação individual
- O bem-estar comunitário,
- O cuidado com o meio ambiente
- A sustentabilidade económica.

Todas as atividades dentro deste campo requerem o trabalho conjunto entre os docentes e os discentes, em conjunto com empreendedores sociais. A criação de relações com organizações dos sistemas públicos e privados e, em especial, entre as organizações de ESS é muito relevante, portanto, as competências relacionam-se com a empatia, a facilitação de grupos, redes e equipas de trabalho intersectorial. A universidade apresenta-se aqui como potencial agente facilitador para promover um diálogo e um plano de ação intersectorial.

O seguinte diagrama, 4.1., mostra o processo de reflexão ativo subjacente às competências selecionadas para cada capítulo. Após este diagrama oferece-se um quadro (4.2) resumo de todas as competências do manual.

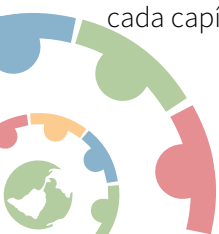


DIAGRAMA 4.1

Perguntas sobre as competências com base na sabedoria prática (phronesis)



QUADRO 4.2
RESUMO EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO SOBRE ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA (ESS) BASEADA EM COMPETÊNCIAS

Etapas da formação	Âmbito de competências	Descritores de competências baseado na phronesis	Cronograma de estudos e práticas (a ser preenchido pelos docentes)	Avaliação
Cap. 1 Assentando as bases de estudo e prática da ESS	Epistemologia	▪ Demonstrar como os valores, conhecimentos e atitudes nos quais se sustenta a ESS, permitem construir uma sociedade mais justa, equitativa e igualitária.		▪ Discentes ▪ Empreendedores sociais ▪ Docentes ▪ Comunidade Ver atividades em cada capítulo
	Direitos humanos	▪ Conhecer e analisar os direitos humanos chave presentes na ESS.		
	Princípios da educação para a administração responsável (PRME)	▪ Compreender e desenvolver uma análise crítica sobre os seis princípios do programa PRME da ONU, sobre educação em gestão responsável.		
Cap. 2 Consolidando o perfil e identidade das organizações de ESS	Identidade, perfil e desenvolvimento territorial	▪ Ter um conhecimento e compreensão dos critérios e natureza da ESS como um sistema e corpo teórico legítimo. ▪ Entender como a ESS marca uma maneira de ser e fazer dentro do campo do desenvolvimento territorial.		
Cap. 3 Desenvolvendo o pensamento e a gestão sistêmicos	Gestão sistêmica do empreendimento Social	▪ Conhecer e entender uma gestão desde uma abordagem sistêmica, integral e ética das organizações da ESS.		
Cap. 5 Desenvolvendo competências para a comunicação virtual	Boas práticas de comunicação através do uso dos meios sociais	▪ Conhecer, entender e saber como maximizar o uso dos meios de comunicação sociais virtuais na criação e compromisso comunitário e educativo.		
Cap. 6 Tecendo e fortalecendo o capital social	Capital Social - conhecimento, valores e atitudes	▪ Ter uma compreensão integral sobre o papel e as dimensões do capital social na criação e sustentabilidade de uma cultura de ESS.		
	Evidências e indicadores de Capital Social	▪ Entender como desenhar indicadores relevantes e adequados para demonstrar a mudança e o impacto do capital social das organizações da ESS.		
Cap. 7 Cultivando atitudes e aptidões para a responsabilidade e a transformação social	Responsabilidade e Transformação Social Organizacional (RTSO)	▪ Desenvolver uma compreensão holística da responsabilidade e transformação social promovidas pelas organizações da ESS.		
	Criação e demonstração de evidências sobre RTSO	▪ Adquirir o conhecimento prático para criar e demonstrar evidências sobre como se exercita a responsabilidade e a transformação social.		

CAPÍTULO 1: COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

NÍVEL 1	ESS CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional sobre as competências: CONHECIMENTO, EXPLORAÇÃO E COMPREENSÃO SOBRE VALORES, PRINCÍPIOS E ATITUDES DA ESS	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
Construindo as fundações	Economia Social e Solidária: epistemologia¹, valores e atitudes	Salientar a consciência de como os conhecimentos, valores e atitudes de ESS alinham com valores baseados numa sociedade justa e igualitária, tais como reciprocidade, participação, redistribuição, subsidiariedade. Epistemologia: ▪ Comprometo-me a proceder a uma exploração e compreensão mais amplas sobre a forma como o conhecimento é criado e incorporado dentro do campo da ESS. ▪ Estou consciente de como as diferentes correntes epistemológicas estão ligadas aos valores e atitudes da ESS. ▪ Estou consciente de como os estudos e práticas interdisciplinares e transdisciplinares são cruciais no entendimento do corpus teórico e prático da ESS. Valores: ▪ Estou consciente da importância dos valores presentes nas práticas e desenvolvimento da ESS. ▪ Incremento a visibilidade e expressão dos valores escondidos e despercebidos no meu ensino, prática e investigação. Atitudes: ▪ Estou comprometido com a mudança das assunções e ideologias que dificultam a superação dos desafios ambientais, sociais e económicos em oportunidades de aprendizagem e ação. ▪ Posso autoavaliar-me e refletir sobre como consigo demonstrar valores e princípios de bem-estar e solidariedade das ESS no âmbito da minha prática diária.	Enquanto professor/formador/investigador ▪ Faço o mapeamento , com os estudantes, as organizações de ESS vizinhas à universidade. ▪ Organizo sessões abertas convidando empreendedores sociais para falar sobre que valores possuem e praticam na sua atividade social. ▪ Escrevo ensaios escritos, com o apoio de empreendedores sociais, sobre a ligação entre os valores e princípios e a prática.

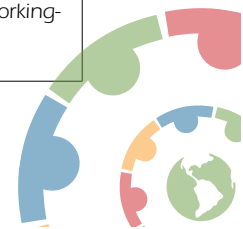
¹ Epistemologia: a teoria do conhecimento, especialmente quanto aos seus métodos, validade e objeto, e a distinção entre crença justificada e opinião. Significado no Oxford Dictionary.

Para o grupo: Sistemas de construção de conhecimento, de validação e seleção do que se considera serem as formas de gerar conhecimento.



CAPÍTULO 1: COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

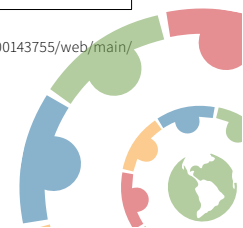
NÍVEL 1	ESS CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional sobre as competências: CONHECIMENTO, EXPLORAÇÃO E COMPREENSÃO SOBRE VALORES, PRINCÍPIOS E ATITUDES DA ESS	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
Construindo as fundações	Perspetivas internacionais e Direitos Humanos	Compreender os direitos humanos universais chave relacionados com: ▪ Povos indígenas (Convenção 169 das Nações Unidas - Organização Internacional do Trabalho) ▪ Género ▪ Trabalho decente (Resolução 1803 (XVII) das Nações Unidas, 14 de Dezembro de 1962) ▪ Discriminação e igualdade ▪ Crianças ▪ Trabalhadores migrantes ▪ Alterações climáticas De diferentes áreas geográficas. » Referir, e relacionar, direitos humanos e deveres com o contexto da ESS. » Ser capaz de preparar casos de estudo de ESS à luz dos direitos humanos. » Ser capaz de referir e incluir o pós 2015 Objetivos de Desenvolvimento do Milénio, nas práticas da ESS.	▪ Identifico que direitos humanos são respeitados ou não na minha comunidade ▪ Estudo a situação dos ODM no pós-2015 ▪ Escrevo ensaios sobre organizações de ESS que trabalhem em diferentes áreas de recursos humanos.
	Princípios para uma Educação em Gestão Responsável (PRME) adaptados à ESS http://www.unprme.org/about-prme/the-six-principles.php	Mostrar conhecimento e análise crítica sobre os seis princípios PRME aplicados à ESS: ▪ Propósito: desenvolver as capacidades dos estudantes para serem os futuros criadores de valores sustentáveis dentro do seu empreendimento e na sociedade, e para trabalhar por uma economia global e sustentável. ▪ Valores: incorporar nas nossas atividades académicas e currícula os valores da responsabilidade social global. ▪ Método: criar quadros educativos, materiais, processos e ambientes pedagógicos que permitam experiências efetivas de aprendizagem para uma liderança responsável dentro da ESS. ▪ Investigação: realizar investigações conceptuais e empíricas que permitam melhorar a compreensão sobre o papel, dinâmicas e impacto dos empreendimentos de ESS na criação de valor sustentável no âmbito social, ambiental e económico ▪ Parceria: Interação com empreendedores sociais para aumentar o conhecimento sobre os desafios no momento de assumir responsabilidades sociais e ambientais e para explorar em conjunto abordagem efetivas para enfrentar tais desafios. ▪ Diálogo: facilitar e apoiar o diálogo e debate entre educadores, empreendedores sociais, governos, consumidores, meios de comunicação social, organizações da sociedade civil e outros grupos e partes interessadas (stakeholders) em questões críticas relacionadas com a responsabilidade e sustentabilidade social global. » Analisar o tema e as suas dimensões a partir de diferentes perspetivas sociais, culturais, ambientais e económicas. » Ser crítico acerca da aplicação dos princípios PRME no contexto da prática e/ou gestão corrente e/ou facilitação de processos no âmbito do meu trabalho. » Tomar a iniciativa para promover melhoramentos na minha própria prática baseados nos princípios e objetivos PRME relacionados com a ESS. » Compreender e defender que as nossas práticas organizacionais deveriam servir de exemplo dos valores e atitudes que ensinamos aos nossos estudantes.	▪ Visitei e explorei explorado mais de uma vez a página web dos PRME. ▪ Registei a minha organização na página do PRME com a devida autorização. Que o logotipo e uma informação básica sobre a organização seja visível na página PRME. ▪ Adotei os Seis Princípios PRME, adaptados à ESS, no meu departamento/universidade. ▪ Assisti a workshops certificados sobre os PRME. ▪ Fiz parte de um grupo de trabalho dentro dos PRME local (existe um grupo Ibérico), tornando visível a ESS. Ver exemplos em: ▪ http://www.unprme.org/working-groups/chapters.php



CAPÍTULO 2: COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

NÍVEL 1	CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional sobre as Competências e os descritores: CONHECIMENTO INTEGRAL E COMPREENSÃO DO PERFIL, IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE DAS ORGANIZAÇÕES DA ESS	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
Consolidando a Identidade e Perfil da Economia Social e Solidária (ESS)	Identidade e perfil	Ter um conhecimento e compreensão dos critérios e natureza polissêmica da ESS como um sistema e corpo teórico legítimo: Tipologia dos sistemas económicos - Identifico organizações dos três sistemas económicos: o público, o privado e o social, tanto nacionais como internacionais, que tenham relações ou estejam vinculados à minha universidade; assim como o serviço que prestam dentro da universidade. - Posso dar exemplo de organizações de acordo com os critérios do quadro nº. 2.1. sobre tipologia das organizações dos diferentes sistemas económicos. Identidade e Perfil das organizações de ESS - Interesso-me por conhecer a história e os antecedentes das organizações da ESS a nível local. - Identifico as diversas organizações internacionais e a sua aproximação ao conceito e prática da ESS. - Reconheço as características e valores que diferenciam as organizações da ESS dentro de uma perspetiva europeia, africana e latino-americana.	- Faço o mapeamento de diferentes organizações dos setores público, privado e social que estejam diretamente vinculadas com a universidade. - Analiso o mapeamento, destacando e explicando como estão presentes ou não estas organizações dentro da missão, visão e estratégia de vinculação ou extensão social da própria universidade. - Contacto com o Observatório de Economia Social e Solidária do país para estabelecer uma relação e propor estudos relacionados com a identidade e perfil das organizações de ESS com a participação dos alunos.
	ESS e desenvolvimento territorial	Entender como a ESS está a marcar uma maneira de ser e de fazer dentro do campo do desenvolvimento territorial, sem que para isso existam políticas e/ou direções estratégicas tanto em âmbitos rurais como urbanos: - Identifico as similitudes e diferenças das diversas realidades donde provém a identidade e perfis diversos das organizações da ESS. - Familiarizo-me com os fatores chave históricos, políticos e culturais que Influenciaram a formação das identidades das organizações dentro da ESS na minha comunidade e região; assim como das diferentes zonas do projeto. - Informo, de maneira periódica, o Consórcio de Economia Social e Solidária York St. John (socialeconomy@yorks.ac.uk) para dar a conhecer outros fatores que influenciam o desenvolvimento do perfil e identidade das organizações de ESS no meu próprio território.	- Elaboro uma bibliografia e literatura cinzenta¹ sobre a ESS para a minha biblioteca. - Analiso a lista e avalio como autores das diferentes regiões geográficas influenciaram para dar visibilidade e legitimidade à ESS no seu continente. - Envio a lista ao Consórcio de Economia Social e Solidária York St. John para incluí-la no manual reconhecendo o trabalho realizado na sua zona geográfica. (socialeconomy@yorks.ac.uk) - Elaboro um ensaio sobre os antecedentes políticos, históricos, culturais e territoriais e como estes influenciaram e influenciam ainda no presente da ESS a sua localidade.

¹ Literatura cinzenta: Conjunto de documentos ou literatura que não é produzida pelos canais de publicação convencionais. Costuma tratar-se de documentação científica que se distribui, inicialmente, a um público restrito http://www.edukanda.es/mediatecaweb/data/zip/627/PID_00143755/web/main/m3/v1_2.html [Consultado a 13.09.2015].



CAPÍTULO 3: COMPETÊNCIAS PROFESIONALES

NÍVEL 1	CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional sobre as competências e descritores: CONHECIMENTOS PRÁTICOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM PLANO DE GESTÃO SISTÊMICA PARA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
Desenvolvimento de competências de gestão sistêmica	Gestão sistêmica de empreendimentos sociais	Conhecer e entender a gestão das organizações de economia social e solidária, a partir de uma abordagem sistêmica, holística e ética. Missão social - Identificar a transformação social necessária nas pessoas envolvidas, com base nas suas necessidades e direitos. - Explorar a fundo a origem e complexidade do problema e da transformação a ser trabalhada junto das pessoas envolvidas. - Descrever a missão de cada um, com base num compromisso ético e social, para se conseguir a transformação social necessária. Visão integral e sistêmica da transformação social - Decidir, juntamente com outros, como atingir a transformação social desejada. - Identificar, em conjunto, ações específicas que possam estar na origem da transformação para diferentes níveis e âmbitos. - Determinar, em conjunto, quais os indicadores de impacto orientadores das atividades. Práticas de empreendimento sustentável - Vincular as soluções para transformação social aos 10 princípios do programa Global Compact - Avaliar as atividades planeadas utilizando uma ferramenta validada internacionalmente: http://www.globalcompactselfassessment.org/es/ - Avaliar os riscos sociais e ambientais da proposta, seja um produto e/ou serviço, cadeia de produção, resíduos, etc. Utentes e/ou beneficiários Grupos de interesse (stakeholders): - Identificar as expectativas das partes interessadas (stakeholders) e incorporá-las na oferta do empreendimento. - Interessar-se por conhecer bem as pessoas com que se irá trabalhar ou colaborar. - Planificar com as partes interessadas (stakeholders) de que forma desejam envolver-se no empreendimento. Utentes: - Saber o que esperam do produto, serviço ou ideia que se oferece. - Determinar o tipo de relação a ter com o utente. Valor da proposta - Explicar, de forma convincente, o valor criado pelo produto e/ou serviço que se oferece. - Tornar visíveis e tangíveis, de diversas formas, os benefícios dos produtos, serviços e ideias que se oferecem. - Identificar com os utentes ou partes interessadas (stakeholders) de que forma os serviços ou produtos oferecidos terão impacto nas suas vidas.	- Crio um plano sistémico para a criação de um empreendimento social, utilizando cada um dos pontos da coluna da esquerda. - Início um fórum ou grupo para ir desenvolvendo o plano com as partes interessadas (stakeholders) e/ou utentes. - Visito a secção de vídeos do capítulo 3 na página web. Procuo e exploro o programa Babel: uma página virtual colaborativa para o desenvolvimento de projetos e empresas sociais. - Revejo a sustentabilidade das atividades do plano, comparando-as com a ferramenta disponível na seguinte página web: http://www.globalcompactselfassessment.org/es - Comparo o Canvas (uma ferramenta de planeamento estratégico, que permite desenvolver e esboçar modelos de negócio novos ou existentes) de uma empresa e outro de uma empresa/empreendimento social. Identifico e escrevo em que se diferenciam e que implicações têm essas diferenças para o dia-a-dia da organização social. - Comparo o plano de gestão do meu empreendimento com outro que esteja a ser implementado dentro da minha comunidade.



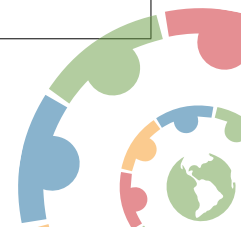
CAPÍTULO 3: COMPETENCIAS PROFESIONALES

NIVEL 1	CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional sobre as competências e descritores: CONHECIMENTOS PRÁTICOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM PLANO DE GESTÃO SISTÊMICA PARA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
Desenvolvimento de competências de gestão sistêmica	Gestão sistêmica de empreendimentos sociais	Mercado e marketing - Identificar outros empreendedores sociais para complementar serviços, produtos e ideias que se oferecem. - Explorar quais as certificações de produtos, serviços e ideias que se podem oferecer para ter acesso ao mercado. - Considerar os preços adequados e justos para garantir a sustentabilidade a curto e médio prazo. Marca ética - Informar-se sobre requisitos a cumprir no que diz respeito a saúde, segurança, trabalho e ambiente. - Comprovar que os recursos empregues reúnem condições e requisitos éticos de produção. - Perceber a importância da sustentabilidade na cadeia de produção. Angariação de fundos e crowdfunding - Ter argumentos firmes e sustentáveis para angariar fundos e conseguir potenciais investidores. - Conhecer o historial da pessoa ou organização que deseja investir no empreendimento social e agir em conformidade. - Relacionar-se com outros empreendimentos sociais para conseguirem melhores preços enquanto grupo. Modelo de investimento e resultados - Conhecer as vantagens e desvantagens de vários tipos de investimento. - Estar consciente dos riscos que o investimento implica. - Diversificar a fonte de investimentos, complementando serviços, produtos e ideias. Contexto jurídico e legal - Explorar as diversas medidas fiscais e tributárias que é necessário cumprir. - Conhecer a legislação relacionada com a área. - Identificar que tipo de patentes e de propriedade intelectual existem, em linha com os valores da organização, para os serviços, produtos e ideias. Equipa - Confiar na equipa com a qual penso e realizo o empreendimento social. - Conhecer os pontos fortes e fracos da equipa e discuti-los, abertamente, para se poderem compensar as debilidades existentes. - Identificar as competências e a formação necessária na equipa para se criarem, desenvolver e se inovar no serviço, produto e projeto. Estrutura de custos e reinvestimento - Ter definido o ponto inicial de investimento e de custos para ativar o empreendimento. - Identificar custos fixos e variáveis da atividade a desenvolver. - Determinar o preço, por unidade, do produto ou serviço a oferecer e a margem de lucro. - Acordar com a equipa onde se reinvestirão os excedentes.	Atividades descritas no quadro anterior.



CAPÍTULO 5: COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

NÍVEL 1	CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional sobre as competências e descritores: ORGANIZAÇÃO E USO DE UMA NARRATIVA LÓGICA, INTUITIVA, CRÍTICA E CRIATIVA ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL VIRTUAIS E DE REDES	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
Desenvolvimento de capacidades de comunicação para o uso de meios de comunicação social virtuais	Comunicação e boas práticas dos meios de comunicação social virtuais	Conhecer e entender como maximizar o uso dos meios de comunicação social virtuais na criação e no compromisso comunitário e educativo: - Integro os valores da ESS na minha comunicação virtual. - Encontro, adapto e apresento informação de fontes diversificadas de forma concisa e lógica em vários meios virtuais. Exemplo: texto, imagem, vídeo, áudio. - Reconheço a contribuição das pessoas de forma adequada e de diversas formas. - Transmito temas complexos de forma a motivar as pessoas a atuarem em relação aos mesmos. - Utilizo linguagem e imagens que incentivam ao envolvimento e interação com a realidade quotidiana. Educação para a mudança - Apresento temas educativos atuais em fóruns ou debates virtuais. Exemplo: literacia digital. - Promovo o pensamento crítico sobre temas de desenvolvimento através de debates virtuais construtivos. - Promovo uma mudança positiva de comportamento através do uso dos meios de comunicação social virtuais. Participação democrática - Encontro e ofereço formas inovadoras de participação em comunidades virtuais. - Incentivo os alunos a exercerem o seu direito de decisão sobre questões políticas e sociais. - Coordeno ações sociais e de participação política. Exemplo: declarações a favor de direitos sociais, políticos, meio ambientais, através das redes. Prestação de contas - Promovo a coresponsabilização em torno de ações ou omissões da minha organização. - Estou disposto a fazer e a receber avaliações sinceras e transparentes dentro nas redes virtuais. - Envolver estudantes, funcionários e grupos de interesse na melhoria de um produto ou serviço educativo utilizando as redes sociais. Influência política - Denuncio temas que são contra os direitos e necessidades dos estudantes, colegas de trabalho e grupos com os quais trabalho ou colaboro, como consumidores. - Incentivo os outros a realizarem ações em defesa de causas sociais, políticas, culturais, ambientais. - Estou consciente dos obstáculos e da resistência à mudança que se apresentam ao levar a cabo ações de apoio e influência política (política, social, etc.). Marca ética - Tenho um posicionamento ético em relação aos serviços e formação que ofereço. - Dou visibilidade às causas sociais, tais como o comércio justo. - Desenvolvo uma identidade singular mostrando os valores da minha organização no meu trabalho. Angariação de fundos e 'crowdfunding' - Construo argumentos persuasivos para angariação de fundos e para candidaturas a projetos de investimento social. - Consigo investimentos locais através de ideias empreendedoras, inovadoras e socialmente efetivas por mim elaboradas. - Mantenho uma relação 'win-win' com doadores e investidores.	- Crio uma estratégia de comunicação utilizando os meios de comunicação social virtuais para cada uma das dimensões. Exemplo: educação para a mudança. - Começo um blogue para fomentar o intercâmbio de ideias, propostas, sobre um tema específico para sensibilizar os estudantes antes de passar à ação. - Visito as páginas seguintes como exemplos de práticas efetivas e analisar porque o são: Elaboração de boletins: - Care.org - Conservation.org - Eqca.org (Equidade) - Malariamore.org Angariação de fundos: - Healthebay.org - Nrdc.org (Defesa dos recursos naturais) - Pih.org (Parceiros na saúde) - Savethechildren.org - Teacherswithoutborders.org - Yaqua.org - Crowdfunding.org



CAPÍTULO 5: COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

NÍVEL 1	CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional sobre as competências e descritores: ORGANIZAÇÃO E USO DE UMA NARRATIVA LÓGICA, INTUITIVA, CRÍTICA E CRIATIVA ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL VIRTUAIS E DE REDES	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
Desenvolvimento de literacia digital	Natureza e uso de meios e programas digitais	O conhecimento prático e a compreensão do uso de diversos meios de comunicação social virtuais: - Conheço a natureza e as características dos meios de comunicação social virtuais ao meu alcance. - Compreendo os benefícios e vantagens do seu uso na promoção da ESS. - Compreendo os benefícios e vantagens do seu uso no ativismo virtual. Programas virtuais - Conheço os programas que me permitirão lançar uma campanha virtual para sensibilizar sobre injustiças que requerem ação específica. - Sou autodidata em relação ao conhecimento e utilização dos vários programas. - Incentivo a aprendizagem colaborativa no uso dos vários meios de comunicação social virtuais na minha turma e na minha organização. Uso apropriado dos meios de comunicação para se obterem práticas eficazes - Analiso o uso de meios e programas digitais por empreendimentos sociais ou organizações sociais para conhecer o êxito ou o fracasso dos mesmos. - Sei como aceder a páginas 'web' que dão conselhos sobre como maximizar o uso dos meios de comunicação social virtuais. - Seleciono de forma apropriada o meio de comunicação social virtual de acordo com o objetivo que desejo atingir.	- Elaboro uma lista de 'softwares' livres e de aplicações gratuitas que empreendimentos sociais possam utilizar para gerar uma comunidade de interesse na sua missão. - Analiso o êxito da página - Estudo o uso do 'Twitter' nas seguintes organizações e descrever e explicar o seu êxito: » Twitter.com/feedingamerica » Twitter.com/hrs (Direitos Humanos) » Twitter.com (Defesa contra o cancro) » Twitter.com/wildlifesos (VidaSalvaje, SOS) » Suma.org » Orbea.org » Fairphone.org



CAPÍTULO 6: COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

NÍVEL 1	CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional e descritores das Competências: COMPREENSÃO E CONHECIMENTO ABRANGENTE SOBRE O CAPITAL SOCIAL NA ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
Tecido do capital social e o seu fortalecimento Intercooperação	Capital Social, conhecimento, valores e atitudes	Ter um entendimento abrangente sobre o papel e as dimensões do capital social na criação e sustentabilidade de uma cultura de economia social e solidária: Capital Social Individual - Investir tempo no desenvolvimento da inteligência intrapessoal: reflexiva e consciente. - Considerar-se uma pessoa altamente resiliente. - Aceitar e aprender com os próprios erros. - Procurar oportunidades para conhecer outros interesses, necessidades e motivações. - Cultivar e demonstrar empatia e compaixão por si mesmo e pelos outros. Capital Social Organizacional - Criar vínculos e pontes entre os grupos de interesse com quem se trabalha. - Criar e fomentar relações horizontais no interior da organização. - Encontrar alternativas para os problemas e desafios do grupo de trabalho e da organização. - Manter a energia e otimismo dentro das equipas de trabalho. - Criar confiança entre colegas de trabalho e grupos de interesse com quem se trabalha. - Exercer uma liderança facilitadora e inclusiva para cultivar e desenvolver o capital social da organização. Capital Social Comunitário - Criar um sentimento de confiança dentro dos diversos grupos de interesse da comunidade. - Fomentar o uso criativo dos recursos existentes para benefício do maior número possível de pessoas. - Contrariar a influência negativa do capital social dentro da comunidade. - Lutar pela igualdade de tratamento e de oportunidades dentro da comunidade.	- Faço o mapeamento dos grupos de interesse-chave para a Universidade, que se encontrem no seu raio de ação. - Organizo, com regularidade, encontros informais para reunir as pessoas. - Organizo uma biblioteca para “partilhar” objetos de e para a comunidade e assim unir e fazer a ponte entre a Universidade e a comunidade. - Descubro porquê e como os empreendedores sociais podem e devem procurar e obter capital social nas suas dimensões relevantes.



CAPÍTULO 6: COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

NÍVEL 1	CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional e descritores das Competências: COMPREENSÃO E CONHECIMENTO ABRANGENTE SOBRE O CAPITAL SOCIAL NA ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
Tecido do capital social e o seu fortalecimento Intercooperação	Evidências e indicadores de Capital Social	Entender claramente como estabelecer indicadores relevantes e adequados para demonstrar a transformação e o impacto que o capital social incorpora nas organizações da economia social e solidária, de acordo com: ▪ Obrigações e expectativas dos empreendedores sociais ▪ Criação de confiança ▪ A partilha de normas e condutas ▪ A partilha de compromisso e sentimentos de pertença ▪ Redes sociais formais e informais ▪ Reciprocidade e mutualidade ▪ Confiança ▪ Canais de informação efetivos Identificamos o uso e efeitos negativos do capital social nas suas diversas dimensões, tais como: ▪ Corrupção ▪ Abuso de poder ▪ Desconfiança	▪ Criar uma lista de indicadores-chave para cada uma das formas de capital social especificadas para os empreendimentos da economia social e solidária. ▪ Ilustrar a variedade dos efeitos, impactos, usos e obstáculos das diferentes formas de capital social. ▪ Convocar a comunidade para conversar abertamente sobre os efeitos e usos negativos do capital social e sobre como os enfrentar.



CAPÍTULO 7: COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

NÍVEL 1	CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional sobre as competências e descritores: CONHECIMENTO, EXPLORAÇÃO E COMPREENSÃO DOS VALORES E ATITUDES NA ÁREA DA RESPONSABILIDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL (RTS)	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
Desenvolvimento de uma compreensão holística	Responsabilidade e Transformação Social (RTS)	Desenvolver uma compreensão holística da responsabilidade e transformação social, política, cultural e ambiental, que as universidades e organizações da ESS têm para: A transformação individual: - Sou proactivo no sentido de fazer com que o meu próprio trabalho seja significativo e esteja de acordo com os meus próprios valores. - Utilizo a minha influência e poder, de forma apropriada, de forma a criar oportunidades para as pessoas se envolverem num trabalho que é importante e significativo para elas. - Estou consciente da importância de um trabalho e vida saudável e equilibrada. O bem-estar comunitário - Incentivo os processos de tomada de decisão colaborativos e participativos na minha organização. - Enfrento a discriminação e a injustiça, com base em ações suportadas pelos direitos humanos. - Proporciono oportunidades para que os estudantes trabalhem com as comunidades de forma a encontrarem soluções para problemas identificados por elas próprias. O cuidado com o meio ambiente - Promovo, dentro da organização, a mudança de conduta positiva no que diz respeito ao cuidado com o meio ambiente. - Promovo uma consciência crítica em relação ao potencial custo / benefício da utilização da tecnologia sobre o ambiente. - Avalio e considero a minha pegada ecológica em todos os aspetos da minha profissão. A sustentabilidade económica - Nas minhas aulas, incluo oportunidades para que os estudantes melhorem produtos ou serviços de empreendedorismo social. - Ofereço aos alunos oportunidades para uma formação em gestão financeira ética. - Comprometo-me a denunciar práticas corruptas no uso de recursos.	- Escrever um artigo com outros professores/as sobre a forma como a universidade gere os quatro aspetos da responsabilidade e transformação social - Organizar com os estudantes uma exposição para mostrar a universidade em ação na área da RTS. - Organizar um fórum para promover melhorias nas ações relacionadas com a RTS da universidade. - Dar a conhecer a forma como os estudantes se dão conta do seu contributo para a responsabilidade e transformação social da universidade. - Convidar empreendedores sociais para falarem sobre as suas estratégias de RTS, desafios e conquistas.



CAPÍTULO 7: COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

NÍVEL 1	CAMPO DE COMPETÊNCIAS	Explicação adicional sobre as competências e descritores: CONHECIMENTO, EXPLORAÇÃO E COMPREENSÃO DOS VALORES E ATITUDES NA ÁREA DA RESPONSABILIDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL (RTS)	ATIVIDADES DE AUTOAVALIAÇÃO
	Creación y demostración de evidencias sobre Responsabilidad y Transformación Social	Criação e demonstração de evidências sobre Responsabilidade e Transformação Social ▪ Compreendo porquê, como e quando as evidências de transformações podem ser úteis ou necessárias. ▪ Compreendo o tipo de abordagem e de impacto que é relevante para os grupos de interesse ou partes interessadas. ▪ Sei onde posso encontrar informação sobre métodos qualitativos e quantitativos para reunir evidências. ▪ Compreendo a importância e a conveniência de recolher evidências qualitativas e quantitativas no que diz respeito a transformações produzidas pela organização nos seguintes campos: » Na sensibilização das pessoas; » No comportamento das pessoas; » Nas atitudes das pessoas; » No desempenho das pessoas; » No bem-estar das pessoas.	Enumerar os objetivos que se deseja atingir através de postos de trabalho em relação: ▪ À sensibilização das pessoas; ▪ Ao comportamento das pessoas; ▪ Às atitudes das pessoas; ▪ Ao desempenho das pessoas; ▪ Ao bem-estar das pessoas. Desenvolver indicadores e validá-los para se criarem evidências. Desenvolver um plano para melhorar as evidências de alterações em relação à RTS da universidade.

